



**ANÁLISE DE UMA IMAGEM URBANA  
O SISTEMA PRISIONAL**

**Günter Wilhelm Uhlmann**

**São Paulo  
2001**

# ANÁLISE DE UMA IMAGEM URBANA

## O SISTEMA PRISIONAL

**Günter Wilhelm Uhlmann**

Originalmente elaborado para o COS / PUCSP : SÃO PAULO, 2001

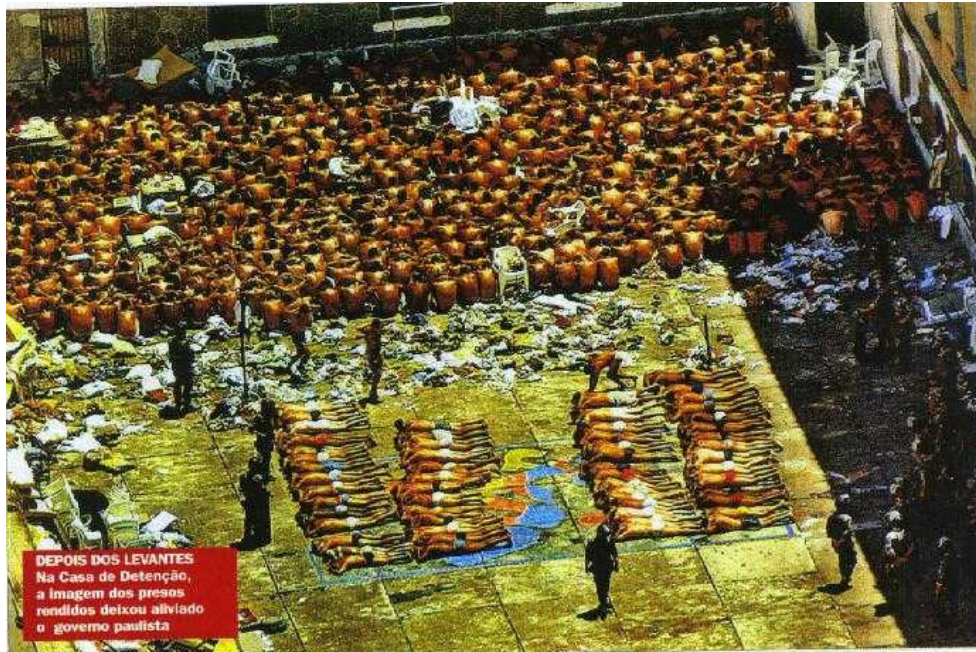
### RESUMO:

O presente artigo procura dar uma contribuição à análise das instituições prisionais, entendidas para este fim como instituições totais. Analisando sua atuação e os desdobramentos daí conseqüentes tenta evidenciar o quanto estes se contrapõem até mesmo à própria finalidade do sistema prisional. A busca do invisível, das camadas subjacentes, tenta evidenciar causas que contribuem, em ciclo vicioso, com o *status quo* da violência instalada neste início de milênio, e apontar para propostas que a possam reduzir.

PALAVRAS-CHAVE: Violência urbana, Sistema Prisional, Instituição total, Semiótica da Cultura.

### INTRODUÇÃO

O presente tem como objeto a análise de uma imagem amplamente divulgada na mídia por ocasião das sucessivas (início de 2001) rebeliões nos presídios do estado de São Paulo. A imagem, a seguir apresentada, compõe a matéria de **JULIANO**; Carolina. *O império do medo*. **Época**. Rio de Janeiro, nr. 145, p.28 - 34, 26 fev., 2001.



A imagem objeto desta análise retrata internos, ou seja presidiários, rendidos pela força policial após o pela imprensa chamado de ‘Megalevante’ na Casa de Detenção do Carandiru, São Paulo em fevereiro de 2001.

Os corpos semi-nús encontram-se configurados, de forma submissa em figuras quadrangulares. As sombras das edificações do presídio projetam sombras também quadrangulares na imagem, revelando um contingente dominado por forças policiais que se encontram na sombra. A ambigüidade, a bi-polaridade das situações limites revelam um jogo de poder, de medição de forças. Afirma CHEVALIER (1991) a este respeito que “o quadrado é o símbolo da solidificação, da estabilidade, da parada do desenvolvimento cíclico, pois ele determina e fixa o espaço em três dimensões”.

Afirma BAITELLO (2000), que “dentre as violências que a civilização perpetrou contra o homem, talvez a maior seja a criação de um corpo invisível” concluindo, após longo ciclo de debates e análises, que necessário se torna “enxergar a invisibilidade”. A busca desta invisibilidade, dos estratos lhe subjacentes será o fio condutor deste trabalho no afã de se procurar chegar a conclusões, ainda que incipientes, que possam contribuir para redução da

violência instalada, em particular nos grandes centros urbanos brasileiros neste início de milênio. Entende-se para esta, e outras análises, como primordial efetuar a a partir de um prisma sistêmico que permitirá enxergar, no caso, não somente a organização como um pretense sistema fechado, mas sim como um sistema aberto inserido em um contexto, o seu ambiente (*Umwelt* conf. Th. Uexküll). A abordagem sistêmica permitirá ainda à luz de seus parâmetros, vislumbrar a efetiva percepção da complexidade inerente e com e a partir desta inferir os efetivos, portanto invisíveis, objetivos dos subsistemas desta complexidade, e não somente ater-se aos declarados e demonstrados, ou seja visíveis.

## **O sistema prisional enquanto organização**

As organizações a partir de PARSONS apud ETZIONI (1984) são definidas como sendo “unidades sociais intencionalmente construídas e reconstruídas, a fim de atingir objetivos específicos”. No que concerne às organizações prisionais tem estas a sua finalidade descrita por MOTTA e PEREIRA (1988) como sendo “organizações burocráticas que se encarregam dos dissidentes do corpo social, recuperando-os para o sistema ou propondo-se a recuperá-los ou, pura e simplesmente, segregando-os”. A partir desta intencionalidade teleológica, das organizações burocráticas descritas por Weber (*Wirtschaft und Gesellschaft*) emergem conf. UHLMANN(1999) os “processos e organização do trabalho, das organizações, que não podem prescindir do conceito de racionalidade implícito na própria conceituação de Organização”.

As organizações prisionais são concebidas como tais, por apresentarem:

- um objetivo - encarregar-se dos dissidentes do corpo social,
- um processo – de segregação (punitiva e protetora da sociedade) e de uma suposta recuperação dos dissidentes,
- a racionalidade burocrática subjacente, que remete à dominação do indivíduo (segregação entre dominantes – que detém o poder burocrático - e dominados) calcada e legitimada por normas legais racionalmente elaboradas, no afã de se obter processos que culminem no objetivado pela organização.

## **A prisão enquanto sistema**

A concepção dos sistemas sócio-técnicos a partir dos conceitos de Bertalanffy encontrado em UHLMANN(1997) é dada como sendo "um conjunto de elementos interdependentes, que formam um todo logicamente agrupado para a consecução de um objetivo". Esta abordagem é ampliada por VIEIRA(1998) ao afirmar que os sistemas "são sempre abertos em algum nível, o que implica que sejam envolvidos por algum outro sistema, que em Teoria de Sistemas é o chamado Ambiente". Assim sendo a partir da própria definição já fica evidenciado o fato de uma prisão ser também um sistema aberto, que se relaciona, influencia e é influenciado pelo seu Ambiente (*Umwelt*). Sistema este que como qualquer sistema compõe, e é composto, de elementos conectados seletivamente em diversos graus de intensidade também, portanto, de distanciamento. Encimando todos os parâmetros encontra-se o basilar parâmetro da permanência por VIEIRA(1998) comentado como "todas as coisas tendem a permanecer" que na Biologia encontra o seu equivalente instinto de sobrevivência.

## **Procurando enxergar a invisibilidade**

A partir destas concepções organizacionais, burocráticas e sistêmicas pode-se inferir o constructo elaborado a seguir, em forma de tópicos, que procuram revelar as camadas tornadas invisíveis na imagem objeto do presente.

- O problema das origens da delinqüência.
- A própria concepção ético - legal do que é delinqüência.
- Os desmandos dos grupos de poder (formais e informais).
- Os problemas psicossociais do corpo burocrático tais como alcoolismo e outras dependências químicas, convivência em um ambiente hostil, horários que dificultam o convívio familiar, estigmatização como uma profissão socialmente tida como inferior, baixa remuneração enfim um quadro que favorece o surgimento de focos de corrupção.
- A Valorização da disciplina a separação, entre o quadro dirigente e o grupo de internados na qual os uniformes, números e rituais apenas traduzem uma impessoalidade levada a seus limites mais extremos.

- O corpo percebido como algo a que se pode imprimir cadência, impor tempos e espaços.
- O duro aprendizado da nova cultura, transmitido pelo poder formal e principal e sobretudo pelos companheiros de infortúnio em particular no que concerne ao poder informal.
- O corpo alvo e objeto do poder, formal e informal, tornando-se útil e manipulável.
- O corpo submisso – a docilidade coercivamente imputada pelo poder burocrático.
- A prisão vista como instituição total,
  - Como local de residência e ócio (sobretudo) e trabalho.
  - Na qual a vida é fichada e formalmente administrada ou seja o controle das necessidades humanas pela organização burocrática.
  - Na qual ocorre a separação temporal das sociedades “de fora” e “de dentro”.
  - A ausência de identidades, a ruptura com o passado e com a sociedade dos livres pelo controle, disciplina, hierarquia, e absoluta centralização decisória.
  - A metodologia punitiva da prisão a racionalidade burocrática aplicada ao processo de “reeducação”, os castigos, os rebaixamentos, degradações e profanações, a mortificação do ‘eu’, da identidade dos internados.
  - O descompasso entre o dimensionamento da organização prisional formal e da necessidade de segregação gerada pelos sistemas judiciários e policiais leva à superlotação carcerária.
- A economia ( soldos, salários, atos de comércio lícitos ou não, propinas) que se estabelece a partir das burocracias da violência e da assistência,
- Os problemas sociais tais como a miséria estão freqüentemente na base da prisão, pois os recursos permitem aos mais afortunados o uso de táticas evasivas (lícitas ou não) ou ao menos protelatórias. Há casos extremos nos quais após longa internação ou após a perda do contato com o mundo exterior passa a ser vista a prisão como uma fonte na qual há teto, cama e comida.
- As relações com a sociedade “de fora”.
- A ausência do gênero oposto – o isolamento, há a distinção que leva às prisões masculinas e femininas, o mesmo ocorrendo com o grupo formal.
- Os temores da sociedade “livre”
- A estigmatização daqueles que por ela passam.
- O Ócio imposto coercivamente.
- a tão comum falha na pretendida regeneração.

## **As conseqüências da dominação pelo modelo de organização burocrática.**

- A formação de uma organização informal e de suas respectivas lideranças.
- O surgimento de organizações informais rivais e de elementos ou grupos rejeitados por terem afrontado lideranças ou códigos de convivência informais.
- O surgimento de códigos de comunicação, convivência e sobrevivência próprios.
- A condensação dos vínculos entre os internos.
- Um jogo de poder entre dominantes e dominados no sentido de cada um manter o “seu” espaço, ou seja em ultima análise a sua permanência.
- A economia subterrânea - A corrupção

## **A emergência das conseqüências**

Uma análise destas conseqüências no sentido de se investigar as suas origens remete de volta à própria concepção burocrática do modelo organizacional adotado pelo Estado. Uma organização burocrática, enquanto “unidades sociais intencionalmente construídas”, ou seja de pessoas, e em particular o prisional, cujo objeto também é representado por um grupo social, apresentam uma organização formal (a concebida pelo seu mentor) e uma informal que se compõem a partir de fatores emocionais e das necessidades humanas de seus componentes. A partir do observado o tornado visível endurecimento das suas relações, quanto mais o modelo se desumaniza maior será a sua impessoalidade e, por conseguinte, aumentam as necessidades emocionais não atendidas. É a ilusão da organização “máquina”, perfeita, precisa e eficiente própria do classicismo, ou nas palavras de MORGAN (1996) são organizações “planejadas à imagem das máquinas, sendo esperado que os seus empregados se comportem essencialmente como se fossem partes de máquinas”. Fica evidenciada a questão da não observação, na conclusão deste autor, no que concerne à eficácia organizacional ou seja a interdependência sistêmica entre a parte formal, técnica e as necessidades humanas.

A organização informal dos detentos, observada sob a ótica sistêmica, sendo composta por elementos humanos (seus subsistemas) em ambiente

(*Umwelt*) hostil (a internação coerciva, punitiva e segregadora) apresentam, assim como todos os sistemas, a busca do atendimento do parâmetro básico da sua permanência (sobrevivência). O parâmetro conectividade dada a alta densidade demográfica da população carcerária, aliado à já descrita opressão pelo poder burocrático favorecerá o surgimento de líderes nuclearizadores, atratores dos componentes em ilhas de funcionalidade. Tem estes líderes com os seus grupos, por seu turno, a incumbência de incrementar a funcionalidade do sistema e manter os seus padrões de comportamento, a sua própria cultura organizacional, com vista à sua permanência. A conectividade em sendo seletiva estabelecerá conexões entre os elementos ou conforme VIEIRA(1998) irá “excluir outros, na medida em que isso importe para a sua permanência”, fazendo com que surjam organizações informais paralelas que dada a sua busca da permanência podem ter objetivos conflitantes tornando-se rivais.

A cultura organizacional desta organização informal é entendida conforme IASBECK (1999) apoiado em Scheffcyzyk (1986) a partir do prisma da Semiótica da Cultura como sendo a “totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano ou um grupo humano particular mantém sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo)”. Observa-se, portanto, o homem como um ser gregário, que elabora, modifica e interpreta o seu próprio sistema cultural com o fim precípua de contribuir para atender a sua permanência.

A cultura assim entendida envolve, portanto, a comunicação entre os participantes do grupo social, seja por qual código for, fato que evidencia, devido à repressão da organização formal, o surgimento de códigos próprios do sistema carcerário. As gírias, o vestuário, tatuagens, roupas, sons, gestos, cordinhas (“terezas”), até mesmo mais recentemente de meios tecnológicos como a telefonia celular (obviamente clandestinamente) são exemplos das diversas mídias utilizadas. O fato da comunicação ser parcial, truncada e coibida pela repressão formal, estimula a formação de uma crescente quantidade de novos códigos e mídias.

Cultura no entanto não é somente um aspecto comunicacional. BYSTRINA(1995) explicita este aspecto comunicacional ao referenciar que de fato há um “produtor de signos”, não necessariamente de cunho lingüístico,



representado sempre por um ser vivo que o elabora e remete a um receptor que o interpreta. Passa a chamá-los de códigos secundários e adverte que estes códigos são operacionais, técnicos “não sendo ainda a cultura. Somente a partir dos códigos terciários, ou culturais, é que surgem os textos da cultura”. Partem estes códigos terciários da realidade, do ambiente, ou seja da observação da por BYSTRINA chamada “primeira realidade” a qual é interpretada pelo sujeito que os formula, portanto um processo psíquico a que denominou de “segunda realidade”. É nesta segunda realidade que se situam as raízes da cultura definidas por BYSTRINA como sendo o sonho, representado na mitologia grega pelo deus Hipnos irmão gêmeo de Tânatos o deus da morte, entendida como a raiz basilar da cultura. Afirma BYSTRINA ainda que “as estruturas básicas do sonho se repetem, ao menos em parte, nos devaneios, nas fantasias da vigília”. O ócio bem como o convívio com a violência e a morte (Hipnos e Tânatos), impostos aos detentos constituem, portanto, solo fértil para que o seu imagético, o seu *homo demens* possa fantasiar criando “mundos, realidades, identidades” desatrelados da primeira realidade, da repressão e do medo da morte.

Os jogos lúdicos, o *homo ludens* (Huizinga) são outra fonte da cultura. Jogos de poder, sedução e convívio social entre os grupos formais e informais do sistema prisional passam a ser portadores de desejos e fantasias e por conseguinte também a fomentadores da cultura.

Os estados alterados de consciência, a própria reclusão que gera a pelos profissionais da área da saúde chamada psicose carcerária, aliada à tão freqüente dependência química, aumentam ainda mais as possibilidades do desatrelamento do detento da primeira realidade. Complementam os estados alterados da consciência o quadro das raízes fomentadoras da cultura carcerária.

## **CONCLUSÃO**

Contemplando as constatações a partir do chamado “enxergar a invisibilidade”, e das ponderações arroladas, pode se inferir ainda que de maneira parcial e sem pretender esgotar o assunto, que há uma premente

necessidade de se repensar o sistema prisional enquanto processo e organização burocrática.

Destacam-se, entre outras tantas providências a serem encetadas, a necessidade de se assegurar um ambiente com uma territorialidade adequada ao convívio. A inclusão dos por MORGAN (1996) chamados aspectos humanos na organização formal e sobretudo à diminuição do ócio no qual impera a segunda realidade de BYSTRINA. O ócio até por internos do sistema prisional chamado de “o fermento do inferno”, constitui uma fértil seara para a atuação do *homo demens*. As conseqüências – ação e repressão – acabam por inviabilizar em grande parte o objetivo de reeducar os internos para um sadio convívio na sociedade. Ao confiná-los fisicamente por determinado tempo em uma instituição prisional passam a adquirir e “aperfeiçoar” a cultura da violência, instala-se a um ciclo vicioso alavancador do crime e da violência.

Cabe a todos os segmentos da sociedade, em particular a brasileira, repensar com perseverança o vigente e viciado modelo prisional; persistindo para que os frutos auferidos deste processo sejam aliados a um processo decisório, para que se obtenha a emergência de concretas e efetivas ações. A inobservância de qualquer fase deste processo acarretará, à luz do neste trabalho exposto, um custo, um pesado ônus que continuará, igualmente em ciclo vicioso, a recair sobre esta mesma sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO**, Nicola *Dicionário de Filosofia* 4<sup>a</sup> ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000
- BAITELLO**, JR. Norval *Ensaio de complexidade – Síndrome da máquina Sulina* : Porto Alegre , 1997
- BAITELLO**, JR. Norval *Comunicação, Mídia e Cultura* in São Paulo em Perspectiva. SEADE : São Paulo, 1998
- BAITELLO**, JR. Norval *O Corpo Invisível II* Espaço de Artes UNICID : São Paulo, 2000
- BYSTRINA**, Ivan *Tópicos der Semiótica da Cultura* (pré-print). São Paulo : CISC/PUC-SP, 1995
- CHEVALIER**, Jean Gheerbrant *Dicionário de Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva et.al. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1991
- ETZIONI**, Amitai *Organizações modernas*. Trad. Miriam L. Moreira Leite; 7a. ed., São Paulo : Pioneira, 1984
- IASBECK** Luiz Carlos Assis *A Cultura Organizacional na Comunicação Empresarial* . São Paulo : Intercom, 1999
- MORGAN**, Gareth *Imagens da Organização*. Trad. Cecilia Whitaker Bergamini, Roberto Coda; São Paulo : Atlas, 1996
- MOTTA**, Fernando C. Prestes; e **PEREIRA**, Luiz Bresser *Introdução à Organização Burocrática*. 6<sup>a</sup> ed., São Paulo : Brasiliense, 1988
- UHLMANN**, Günter Wilhelm *A Atuação do Analista de Negócios e da Informação*, tese de Mestrado em Administração de Empresas, Universidade Guarulhos UnG : Guarulhos, 1999
- UHLMANN**, Günter Wilhelm *Administração: das teorias à administração aplicada e contemporânea*. 1a. ed., São Paulo : FTD, 1997
- VARELLA**, Drauzio *Estação Carandiru* . São Paulo : Cia das Letras, 2000
- VIEIRA**, Jorge de Albuquerque *Organização e Sistemas* . São Paulo : PUCSP, 1998